# Investigação da mente: evolução e intencionalidade[i] - 20/04/2020

\_Trata-se de mostrar a contribuição metodológica de Dennett pelo aspecto  
evolutivo, utilizando-se de Darwin, porém com as limitações do aspecto  
intencional. De toda forma, abre-se uma perspectiva explicativa para nos tirar  
da zona de conforto do dogmatismo de acreditarmos que somos seres superiores.\_  
  
\*\*   
\*\*  
  
\*\*Introdução.\*\* Gildeon localiza o funcionalismo como uma teoria fiscalista  
não reducionista, ou seja, fisicalismo que, entretanto, aceita a  
irredutibilidade do mental ao físico, mas não como sendo um dualismo de  
substância e sim tratando os estados mentais como propriedades físicas[ii]. No  
funcionalismo os estados mentais executam funções que \_não são idênticas\_ ao  
cérebro e, dessa forma, se alinha ao uso de inteligência artificial  
equiparando corpo e mente a hardware e software e abrindo caminho para a  
realização de estados mentais em robôs.  
  
Gildeon classifica Daniel Dennett como um funcionalista materialista, pois  
considera a função uma mera abstração e também naturalista, pois trata o  
mental como produto da evolução e então aborda os primeiros capítulos da obra  
\_Tipos de Mentes\_[iii]. A partir de Wrigley[iv], Gildeon ressalta dois  
problemas materialistas que são tratados por Dennett: consciência e  
intencionalidade. Sobre a consciência, Dennett ressalta o papel fundamental da  
linguagem como elemento responsável por nossa ação, capacidade exclusiva  
humana e alcançada pela evolução. Sobre a intencionalidade, como evento físico  
no cérebro representando estados externos, Dennett aponta que isso também  
ocorre em animais mais primitivos que, ao representarem o ambiente em que  
estão inseridos, guiam suas ações de sobrevivência[v].  
  
Outro ponto que Gildeon destaca é a rejeição de Dennett ao \_hard problem\_ ,  
elaborado por Chalmers[vi], já que para Dennett não há estado subjetivo  
independente e ele considera o “eu” uma ficção, como a gravidade na física,  
abrindo espaço para a análise da mente a partir da terceira pessoa, como  
ciência.  
  
\*\*   
\*\*  
  
\*\*A perspectiva evolutiva.\*\* O primeiro alerta de Dennett, segundo Gildeon, é  
o de procurar abordagens que transponham as tradições superando os mistérios  
da mente por uma metodologia um pouco tateante no ir e vir da mente humana e  
de outros animais numa perspectiva evolutiva que não se da em linha reta. Em  
busca dessas diferenças, há questões de natureza ontológica “Que tipos de  
mentes existem?” e epistemológica “Como sabemos?”, porém evitando a tradição  
que parte da nossa \_capacidade de conhecer\_ as \_realidades existentes\_  
(ressalta-se a oposição conhecer e ser).  
  
Embora sabendo da dificuldade em se conhecer a mente, é preciso desassociá-la  
do incognoscível, afinal sabemos que temos uma mente e um cérebro, mas não os  
conhecemos do mesmo modo, já que a primeira conhecemos internamente,  
entretanto não caímos no solipsismo porque sabemos que os outros homens também  
têm a sua mente. Para Dennett, conforme Gildeon, sabemos que temos uma mente  
principalmente pelo pronome “você” e pela linguagem que permite compartilhar  
nosso mundo subjetivo, embora seres sem linguagem ou fala também possam ter  
uma mente (ausência de fala não é ausência de mente).  
  
Comparando a linguagem à impressora de um computador, Dennett argumenta que  
ele pode existir sem ela, ou mesmo realizar coisas sem pensar,  
inconscientemente. Ou seja, aquelas criaturas sem linguagem poderiam realizar  
as coisas automaticamente, como nós, reduzindo nossa fronteira para com eles.  
De modo a fugir de questões insolúveis, Dennett propõe o esforço investigativo  
frente à mera imaginação, baseado em hipóteses como saber se a linguagem é de  
fato periférica ou se há mesmo criaturas com uma mente. Dennett aponta para a  
investigação histórica de que evoluímos de seres com mentes mais simples ou  
sem mente, como caminho para obter respostas. E na atitude interpretativa da  
mente, no seu aspecto intencional.  
  
\*\*   
\*\*  
  
\*\*A postura intencional.\*\* Dennett trata a postura intencional como um  
comportamento que governa as ações se baseando em crenças e desejos,  
aproximando-se da “psicologia popular”. Dennett visa a postura intencional a  
outros seres, no sentido de uma antropomorfização que conduza descoberta de  
diferenças para com os nossos ancestrais e demais espécies. Assim o fenômeno  
da mente leva a uma ancestralidade comum.  
  
Citando o exemplo de um vírus que toma inúmeras ações automáticas e detalhadas  
para se reproduzir, Dennett busca mostrar, segundo Gildeon, que há uma  
predição das ações e movimentos dessa entidade, mesmo que não consciente de  
razões, porém como um agente de ação, não passivo.  
  
Dennett estabelece uma hierarquia de estratégias de predição, primeiro uma  
postura física, baseada em leis que guiam o movimento dos corpos, depois a  
postura de planejamento, quando algo é planejado para funcionar de determinado  
modo, como o avião, por exemplo, mas que pode ter sido mal projetado e não  
funcionar corretamente. Por fim, a postura intencional que, além de planejada,  
ainda seguiria pela busca do próprio bem (no caso do vírus, buscando  
sobreviver).  
  
Sobre a racionalidade e a busca do próprio bem se configura a função como  
respostas certas a evolução natural. Então, utiliza-se a postura intencional  
para se verificar qual poderia ser a escolha racional de agentes supostamente  
inteligentes para satisfazer suas necessidades. Aqui o alerta e limitação de  
não se imputar atributos enganosos às entidades investigadas.  
  
Gildeon finaliza com a distinção do uso da intencionalidade nesse contexto,  
não como voluntariedade, mas no sentido de destinar-se a algo em um modelo  
chave e fechadura. Mesmo que “involuntária e automaticamente”. E, sobre a  
metodologia, Gildeon ser pergunta se essa metodologia harmoniosa "evolução  
intenção" se aplicaria além dos limites do funcionalismo.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
[i] Conforme “Daniel Dennett: uma perspectiva evolutiva da mente”. De Gildeon  
Oliveira do Vale, acessado em  
[http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/9507](http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/9507),  
11/04/2020. Cadernos Zygmunt Bauman, Universidade Federal do Maranhão.  
  
[ii] Referência a VIANA, Wellistony C. “Hans Jonas e a filosofia da mente”.  
  
[iii] DENNETT, Daniel. Tipos de mentes – rumo a uma compreensão da  
consciência. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.  
  
[iv] WRIGLEY, Michael, O seu tataravô era um robô, FSP, 11 de julho de 1998.  
Em:  
[https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1998/7/11/caderno\_especial/10.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1998/7/11/caderno\_especial/10.html).,  
acessado em 12 de abril de 2020\.  
  
[v] Importante ponto ressaltado por Wrigley é a diferença de abordagem da  
intencionalidade entre Searle, que considera haver mais de uma e Dennett  
considerando apenas uma.  
  
[vi] Abordamos o \_hard problem\_ aqui:  
[https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/05/a-informacao-como-lei-da-  
consciencia.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/05/a-informacao-  
como-lei-da-consciencia.html).